

RESENHA

Hannah Arendt desmistificada: resenha de *Nos passos de Hannah Arendt*, de Laure Adler



ADLER, Laure. *Nos passos de Hannah Arendt*.
Rio de Janeiro: Record, 2007¹.

Breno Viotto Pedrosa

✉ brenoviotto@hotmail.com

Para quem se interessa por uma boa biografia ou quer saber mais sobre a história social da ciência, ou ainda gosta de geografia política, a obra de Adler é um percurso obrigatório. O estudo feito por ela é muito rico em detalhes e, através da vida de Hannah Arendt, nosso repertório é enriquecido em dois sentidos: (1) através de um vasto relato da história do século XX, enlaçando muito bem contextos sociais e históricos ao percurso de Hannah; e (2) com a análise viva das influências, da trajetória e do processo de formação da filósofa. Somos da opinião de que a discussão sobre geografia política passa necessariamente por Arendt, pelo seu debate sobre as transformações das esferas pública e privada, pela análise da revolução social ou, ainda, pelo seu *As origens do totalitarismo*².

No entanto, a biografia é demasiadamente extensa (com cerca de 640 páginas) e Adler tem um interesse tão grande em desenhar a vida de Hannah que, algumas vezes, procura inserir-se em seu cotidiano, narrando detalhes de sua

1 Edição original: ADLER, Laure. *Dans les pas de Hannah Arendt*. Paris: Gallimard, 2005.

2 ARENDT, H. *As origens do totalitarismo*. Rio de Janeiro: Documentário, 1979.

intimidade — apesar da filósofa ter sido uma pessoa reservada — e de seus percursos ao redor do mundo, nas várias conferências que ministrou. Isso torna a leitura enfadonha em alguns momentos. Adler tem o senso crítico apurado e toca em muitos assuntos delicados — verdadeiros tabus, como o envolvimento de Heidegger com o nazismo —, mas é impossível negar que possui paixão pela figura e pelos valores associados a Arendt.

Muito provavelmente, o leitor deva estar se perguntando por que usar o adjetivo “desmistificada” no título desta resenha. A resposta é simples: no processo da graduação fomos introduzidos à autora muito precocemente, no bacharelado e na licenciatura. Ela sempre foi apresentada como uma filósofa de esquerda, marxista e alguns até arriscavam dizer que era participante da renomada escola de Frankfurt. Nada é mais errôneo: Arendt foi parte da esquerda não-comunista (ou seja, de oposição ao socialismo real), formada no circuito intelectual da Universidade de Freiburg, e seu diálogo sempre foi muito mais profundo e intenso com Kant, Jaspers e com o próprio Heidegger do que com Marx.

Arendt veio de uma família judia burguesa e intelectualizada; sua mãe não se importava muito com o judaísmo e simpatizava com o socialismo. A autora participava junto à mãe, mesmo sendo uma criança, e as impressões por ter visto as movimentações sociais e Rosa Luxemburgo discursando a marcaram profundamente.

Depois de uma infância conturbada, Arendt termina o ciclo escolar básico e começa a frequentar os círculos de filosofia da Universidade de Freiburg. Lá conhece Heidegger que, ainda no início da carreira, atrai muitos alunos e forma seu círculo de seguidores. Hannah destaca-se por sua competência intelectual e logo Heidegger, que era casado, se envolve em um caso amoroso com sua aluna. Os dois teriam, pela vida inteira, admiração mútua e necessidade intensa de compartilhar ideias e filosofar juntos. Adler demonstra como a paixão do casal foi forte, como eles aprenderam um com o outro, mesmo que Arendt fosse menos experiente, e como é possível cruzar pistas para identificar a perturbação e a paixão de Heidegger no período de redação de *Ser e o tempo* (1927). Anos mais tarde, o casal rompe o relacionamento, mas a influência mútua já havia se consolidado. Arendt seria inspirada profundamente pela filosofia existencial de Heidegger e eles manteriam um diálogo conturbado por toda a vida, mesmo que indiretamente, pois o filósofo se envolve com o nazismo e, somente após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), voltariam a trocar cartas.

No mesmo circuito de Freiburg, Hannah também conheceu Jaspers, seu orientador, que seria outra figura importante, fonte de um rico diálogo que

persistiria por toda sua vida. Jaspers também praticava uma filosofia de cunho existencial e mantinha franco contato com as elaborações de Heidegger.

Arendt defende precocemente sua tese de doutorado sobre Santo Agostinho e versa sobre sua concepção de amor, ao mesmo tempo em que sente a necessidade íntima de retomar suas origens judaicas. Envolve-se nos grupos de militância do judaísmo, mas mantém-se, inicialmente, distante do sionismo, pois não via na criação de Israel uma solução para a questão judaica, às vésperas da Segunda Guerra Mundial.

Com o aumento das animosidades do antissemitismo, a filósofa se vê forçada a migrar para o exterior. Em uma situação trágica, separa-se de sua família e, como muitos outros judeus, dirige-se a Paris. Ao mesmo tempo, vê Heidegger ingressar no partido nazista (Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães) e renegar seu mestre Bertrand Russell, denunciar alunos e colegas judeus, romper lentamente sua amizade com Jaspers e se filiar por vontade própria ao partido nazista. Isso auxiliou na ascensão de sua carreira universitária, sendo que ele ocupou o cargo de reitor da universidade de Freiburg para, depois de algum tempo, renunciar. Adler usa Bourdieu³ para analisar politicamente o pensamento filosófico de Heidegger, ressaltando o fato inegável de que ele quis ser nazista e nunca se retratou. Obviamente, seu projeto filosófico forneceu subsídios para o regime, mas não foi completamente incorporado, assim como ocorreu com o pensamento do geopolítico Karl Haushofer.

Chegando a Paris, Arendt se depara com uma massa de alemães que fugiram da perseguição e que estão submersos nas contradições a respeito de sua identidade nacional e cultural. É nesse contexto que ela estreita relações com Walter Benjamin — primo de seu primeiro marido. O peso da rejeição e a saudade da terra natal induzem Benjamin e Arendt a discutirem a herança do judaísmo e a viverem uma situação de longa privação material. Hannah consegue inserir-se novamente nos órgãos da militância sionista, enquanto Benjamin trabalha incessantemente em sua obra sobre as galerias de Paris⁴.

Adler descreve muito bem o tratamento ruim recebido pelos judeus na França. No meio intelectual, Raymond Aron foi um dos poucos a tentar ajudar os refugiados a se integrarem. Com a declaração de guerra, milhares de imigrantes alemães eram vistos como inimigos, tendo sido colocados em campos com condições muito precárias. Tal resposta era uma medida de guerra, mas refletia

3 BORDIEU, Pierre. *L'Ontologie politique de Martin Heidegger*. Paris: Minuit, 1988.

4 BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte/ São Paulo: Editora UFMG e Imprensa Oficial, 2009.

também o antissemitismo, pois muitos presos alemães desejavam a queda do regime nazista para poderem voltar para casa.

Arendt consegue escapar do nazismo refugiando-se nos Estados Unidos. Leva consigo os escritos de Walter Benjamin, que se suicida tragicamente na fronteira entre a Espanha e a França. Benjamin era integrado à escola de Frankfurt e Hannah, que nunca teve simpatia por Theodor Adorno, aumenta seu distanciamento ao saber da relação conturbada entre ambos, e devido às manobras utilizadas no início da ascensão do nazismo. Adorno escrevera um texto desprezando a música popular, em que elogiava e analisava Wagner. Ele denunciou alguns intelectuais por serem judeus para galgar postos na academia, mas possuía origens judaicas.

Arendt, devido ao envolvimento com as organizações judaicas, vai até Israel. A curta viagem basta para que ela confirme sua opinião sobre a criação de Israel, pois percebe a segregação entre judeus e árabes e o espectro do sionismo ultradireitista. É somente no final da vida que existirá uma reconciliação sobre o problema e a aceitação de Israel.

Ao chegar à América com os textos de Benjamin, ela enfrenta grande dificuldade para conseguir publicá-los (entre eles, estava *Teses sobre a história*). Arendt e seu segundo marido, Heinrich Blücher — que era militante do partido comunista e muito mais envolvido com o marxismo, de forma geral — enfrentaram novas dificuldades para se integrar na sociedade norte-americana. Problemas com o idioma, a identidade cultural e nacional, além do desemprego, vieram a tona novamente.

Hannah Arendt foi uma das primeiras a tentar fazer a autópsia do totalitarismo, desde sua origem até sua consolidação. O trauma totalitário teve muitas repercussões sociais e culturais e é abordado nos três livros que compõem seu *As origens do totalitarismo*. Arendt problematiza o antissemitismo por meio da prisão do oficial judeu francês Dreyfus, mostra como se consolida a ideia de raça e como o pangermanismo e o paneslavismo são ideias importantes que fundamentam a expansão territorial da Alemanha e da Rússia.

Entretanto, o trecho mais polêmico é sobre o funcionamento do totalitarismo em si. Ele operaria em uma sociedade massificada politicamente e fragmentada socialmente, sendo que sua pedra de toque é a construção ideológica. Esse construto centraliza o funcionamento da sociedade, torna o Estado unitário, direciona toda a sociedade para um só propósito inquestionável e impõe um voluntarismo triunfante que se acomoda na figura do grande líder infalível. Assim,

o nazismo construiria sua ideologia a partir de Darwin e da sobrevivência do mais apto, e o socialismo real em Marx, com a luta de classes e a vitória inevitável do proletariado.

As origens do totalitarismo recebe muitas reedições e também muitas críticas, pois alguns de seus conteúdos empíricos careciam de fundamentação. Isso não reduziu o impacto da obra, que foi uma das primeiras a inaugurar uma interpretação que admite a equivalência entre o nazismo e o stalinismo, visão que se tornou popular especialmente no período neoliberal. Não concordamos com essa equivalência e acreditamos que Arendt não percebe a constituição do stalinismo como um todo — considerando o início da revolução russa. Mesmo que vivamos em uma sociedade democrática, é impossível negar que politicamente passamos por processos de massificação e que, devido a muitos fatores, nossa sociedade funciona de maneira cada vez mais fragmentária. A ideologia do mercado triunfante e da economia que desenvolve invariavelmente a sociedade são axiomas que se impõem às e pelas classes sociais que tomam as decisões políticas e econômicas. Portanto, o que significam essas características totalitárias na nossa sociedade atual?

Reflexões a parte, Arendt dedica-se aos escritos políticos, à reflexão sobre a democracia e sobre a violência. Lê Marx, mas admite em cartas que o acha autoritário, mesmo que o tenha utilizado em muitos trabalhos. O humanismo recalcitrante de Arendt faz com que ela veja em todo tipo de violência uma forma de perda de autoridade. Essa é uma visão que certamente nos ajuda a entender uma faceta do autoritarismo, mas que está bem distante de uma dialética das relações de poder ou da luta de classes. Passado o distúrbio nazista e agora mantendo contato com Heidegger, Hannah desenvolve sua maior obra, *A condição humana*⁵. Novamente aqui, a questão da existência é pensada à luz de sua teoria e de sua concepção política.

Os traumas enfrentados provocaram a reflexão filosófica em Arendt, que buscou as origens da banalidade do mal. É importante destacar que, mesmo sendo judia, Hannah não optou por uma interpretação de vítima sobre o holocausto, pois defendeu que a pressão ideológica do nazismo foi tamanha que parte dos judeus colaboraram com o holocausto, se inserindo de alguma forma no funcionamento nazista. No livro *Eichmann em Jerusalém*⁶, sobre o julgamento de um oficial nazista, ela versa sobre a ação de um homem que obedecia a ordens e cometia ações de extrema crueldade em uma sociedade que as admitia como algo normal.

5 ARENDT, H. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária; São Paulo: Edusp, 1981.

6 ARENDT, H. *Eichmann em Jerusalém*. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

Essa interpretação, também polêmica, escandalizou os meios judeus e Arendt foi ameaçada. Muitos argumentaram que os judeus lutaram contra a opressão e que aceitaram se submeter à colaboração acreditando que isso poderia salvar vidas. A coragem de não abandonar o povo judeu se contrapõe à visão de que as estruturas sociais da Alemanha reproduziram, através da ação dos indivíduos judeus, o próprio antisemitismo. Mesmo que sua análise se preocupe com os homens através de uma abordagem existencial, em seu debate político e em sua trajetória intelectual, a dialética tensa entre indivíduo e estrutura se manifesta como uma controvérsia secundária.

Hannah morre aos 75 anos devido a problemas cardíacos, quando ainda estava em plena atividade, apesar das doenças e da perda de seu marido. Ela se tornou um ícone do humanismo e uma referência maior nos campos da filosofia e da sociologia. Foi uma mulher que perdoou o imperdoável — como Heidegger — e defendeu sua opinião política de maneira independente. As comparações entre Arendt e Rosa Luxemburgo são comumente feitas, mas hesitamos. Luxemburgo foi, sem sombra de dúvidas, uma das edificadoras do socialismo, e morreu pela causa. Assim como Rosa, Hannah fez uma crítica necessária ao socialismo real, mas qual foi sua contribuição para sua reconstrução? Será que sua interpretação estimulou o aprendizado a partir dos erros da União Soviética, ou será que reforçou a ojeriza a tudo o que diz respeito ao regime soviético? Hannah foi reconhecida nos Estados Unidos, principalmente após se encantar com a revolução americana e a democracia, mas parece que Rosa Luxemburgo não foi tão celebrada por lá.

Referência da obra

ADLER, Laure. *Nos passos de Hannah Arendt*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

* * *

Sobre o autor da resenha

Breno Viotto Pedrosa: geógrafo e doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é professor na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA).

 **BCG**: <http://agbcampinas.com.br/bcg>

Hannah Arendt desmistificada: resenha de "Nos passos de Hannah Arendt", de Laure Adler

Resenha recebida em maio de 2013. Aprovada em dezembro de 2013.